

Comércio do DF prevê quebraadeira

A situação está cada dia pior. Lojistas estimam acentuada queda nas vendas e mais desemprego nos próximos meses

Flávia Filipini
Da equipe do **Correio**

A população terá que pagar mais caro para rolar ou quitar suas dívidas. Com o aumento nas taxas de juros anunciado ontem pelo governo, de 39% para 45% ao ano, vão subir todas as operações de crédito. Esse efeito dominó atingirá do cheque especial aos empréstimos pessoais nos bancos. Tudo ficará mais caro.

Para o consumidor, que já estava deixando de lado as compras a prazo com os juros em 39% ao ano, agora ficará ainda mais difícil abrir um crediário. A expectativa é que as pessoas de renda mais baixa, que não conseguem juntar dinheiro para pagar à vista, sejam as mais prejudicadas. Do lado empresarial, o setores mais atingidos serão justamente aqueles que vendem produtos de preços mais elevados, como os de eletroeletrônicos e de automóveis. Só no segmento de veículos, 90% das vendas são financiados. No caso dos eletroeletrônicos, esse índice é de 85%.

Sem analisar as particularidades de cada setor, as lideranças do comércio local ficaram alarmadas com o aumento dos juros. O presidente da Câmara dos Dirigentes Logistas do DF (CDL), Antônio Augusto Moraes, por exemplo, classificou a elevação anunciada ontem como "indecente". A expectativa dos comerciantes é que as vendas no comércio de Brasília apresentem uma acentuada queda nos próximos meses.

"Parece que a política do governo é a do quanto pior, melhor. Pelo amor de Deus, será que ninguém nesse governo está vendo que estamos caminhando para o caos?", questionou Moraes. Ele avalia que dentro de seis meses a um ano a situação do comércio local estará crítica. "Muita gente vai fechar as portas e o desemprego vai aumentar." Como Moraes, o presidente do Sindicato do Comércio Varejista do DF, Wlanir Santana, se quei-

xa da falta de uma política social: "Aumentar juros não é a solução. Quando o governo vai parar de prejudicar a população e o sistema produtivo?"

O presidente da Federação do Comércio (Fecomércio), Sérgio Koffes, passou a tarde de ontem fazendo previsões. Todas pessimistas. "Difícilmente fico desanimado, mas dessa vez não tem jeito. A situação vai piorar ainda mais", desabafou Koffes, refletindo o clima que tomou conta da classe empresarial brasileira depois do anúncio do governo. "Nunca vi nada igual. O ambiente está estranho. Ninguém tem mais esperança."

A opinião dos empresários é a mesma dos economistas. O presidente do Conselho Regional de Economia (Corecon-DF), Júlio Miragaya, condena a utilização das taxas de juros para atrair investidores estrangeiros e, sobretudo, conter a inflação. Pela cartilha que o governo reza, o aumento dos juros resultará numa inibição do consumo. Sem compradores, o empresário, então, não aumentará seus preços, segurando a inflação.

Mas, para Miragaya, a situação do país pode ser comparada à de um cano estourado: água jorra de forma incontrolável, mas no lugar de agir como um encanador, a equipe econômica prefere tomar atitudes paliativas, como amarrar uma fita de borracha no cano. "Não resolve. O governo está preso numa armadilha. Fez a imensa bobagem de segurar a inflação com a âncora cambial e, quando mudou de política, desencadeou a escalada inflacionária."

AUMENTOS

Os economistas confirmam que todas as dívidas e financiamentos vão subir junto com os juros. E o pior: de acordo com a Associação Nacional dos Executivos em Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), algumas taxas vão sofrer mais reajuste que outras. O

Fotos: Luis Tajés



A funcionária pública Tânia Correa aproveitou a redução do IPI, tirou dinheiro da poupança e comprou um Corsa à vista para fugir dos juros elevados

O CUSTO DO DINHEIRO

■ Efeito do aumento dos juros básicos para 45% ao ano e do novo método de cálculo do IOF

ITEM	TAXA ANTERIOR		NOVA TAXA		%	PONTOS PERCENTUAIS
	Mês	Ano	Mês	Ano		
Comércio	9,04%	182,51%	9,36%	192,71%	3,54%	0,32
Cartão de crédito	13,51%	357,52%	13,72%	367,72%	1,55%	0,21
Cheque especial	13,33%	348,89%	13,54%	359,09%	1,58%	0,21
CDC — Bancos	8,26%	159,19%	8,61%	169,39%	4,24%	0,35
Empréstimo pessoal	7,89%	148,76%	8,25%	158,96%	4,56%	0,36
Empréstimo pessoal	13,87%	375,24%	14,07%	385,44%	1,44%	0,20
Taxa média geral	10,98%	249,09%	11,26%	259,81%	2,55%	0,28

vice-presidente da Anefac, Miguel Ribeiro de Oliveira, afirma que as taxas que atualmente estão mais baixas, como as dos bancos das montadoras e dos empréstimos pessoais serão as primeiras a subir. O casal Lélcio Correa, 57 anos, e

Tânia Correa, 55, parecia que estava adivinhando. Ontem eles correram para a concessionária CCB, da GM, no Setor de Indústria a Abastecimento (SIA), onde compraram um carro novo. Tânia, funcionária pública, trocou o seu

Corsa modelo 1996 por um Corsa Sedan zero quilômetro. Orientada pelo marido, ela quis aproveitar a redução do Imposto sobre Produtos Importados, que baixou os preços os veículos desde ontem, antes que o aumento dos juros

torne o carro mais caro. Pagou R\$ 14 mil à vista para fugir das elevadas taxas a prazo. "Com essa instabilidade na economia, achei melhor Tânia tirar o dinheiro da poupança e aplicar numa grande compra. Levamos vantagem", comentou o Lélcio.

Segundo o vice-presidente da Anefac, as taxas que já estão altas, como a do cheque especial e do cartão de crédito não devem ser elevadas de imediato e, quando forem, não sofrerão todo o repasse desse novo aumento dos juros. "Há taxas que já estão nas alturas. E os bancos e as administradoras de cartão devem esperar um pouco para não ficarem trocando de tabelas. Afinal, ninguém sabe como as coisas estarão daqui a um mês."